[Recensão a] Munson, Rosaria - Black doves speak: Herodotus and the languages of Barbarians

Autor(es): Santos, Nídia Catorze

Publicado por: Centro de História da Universidade de Lisboa

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/23809>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0871-9527_19_28

Accessed : 26-Apr-2023 11:25:42

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

19

 ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

Em suma, *The Landmark Herodotus* apresenta-se como uma bem sucedida fusão do texto com o respectivo comentário num só volume. Curiosamente, este formato retira-lhe muita da capacidade que Heródoto demonstrou ter para viajar.

Nídia Catorze Santos

ROSARIA MUNSON, *Black Doves Speak: Herodotus and the Languages of Barbarians*, Washington DC: Center for Hellenic Studies, 2005, 121 pp., ISBN 0674017900.

Neste breve e interessante estudo, Rosaria Munson aborda o papel da língua e da linguagem na obra herodotiana. Se o autor é o primeiro a abordar a dicotomia entre Gregos e não-Gregos e a relatar o confronto que opôs o mundo helénico ao Império Persa, a sua concepção das diferenças linguísticas leva-o a considerar que estas, longe de continuarem a aumentar o fosso que parece separar os povos, aproximam-nos. Como nos irá mostrar, a língua não é um obstáculo intransponível, apesar de ser, a par do sangue, o elemento utilizado por Heródoto para definir a comunidade dos Helenos (8. 144), todavia consciente das diferenças nos dialectos gregos (4. 78; 8. 135).

Esta consciência apurada, desenvolvida, certamente, durante as suas viagens e através do contacto com as diferentes culturas aquando das suas investigações, levou-o, ao contrário da visão grega, que considerava todas as línguas que não o grego como sons incompreensíveis, a defender que todas elas são válidas e passíveis de tradução. Como sublinha a Autora, a língua não faz qualquer diferença, e traduzi-la ou explicá-la não se afigura problemático ou difícil, apenas implica uma correcta utilização do vocabulário disponível para descrever as realidades de um mundo diferente. Claro que ao abordar esta temática, o historiador não deixou escapar a possibilidade de instruir a sua audiência sobre o mundo que os rodeava e das suas características peculiares.

Na introdução, Munson formula a interrogação a que tentará responder nos capítulos seguintes: «does the role Herodotus attributes to language reinforce or undermine the authoritative greek-barbarian antithesis of contemporary thought?».

O primeiro capítulo, «Greek Speakers», analisa a imagem que Heródoto nos apresenta dos Gregos e não-Gregos e deita por terra a

tradicional oposição entre eles. No fim de contas, os primeiros receberam importantes contributos culturais dos Pelasgos e dos Egípcios (2. 49, 2. 58) também. Ao recuar à Antiguidade grega, encontra evidências dos Pelasgos, um povo autóctone que falava uma língua bárbara e que foi conquistado pelos Dórios, recém-chegados que lhes impôs a sua língua (1. 56-57).

No capítulo seguinte, «The Ethnographer and Foreign Languages», a Autora retoma a curiosa experiência realizada por Psamético (2. 2), para demonstrar que, para ele, o importante é o modo como as línguas são observadas e comparadas por quem as estuda, em busca das diferenças e afinidades entre os homens. Ao descrever a experiência aos seus leitores, partilha com eles a ironia que dali adveio, dado que teve um resultado muito diferente do que o monarca lhe atribuiu. Não lhe forneceu qualquer indicação segura sobre quem seria o povo mais antigo no mundo, mas a certeza de que os homens aprendem a falar com base no que ouvem.

No terceiro capítulo, «Herodotus Hermeneus», o mais extenso de todos, defende, contra a posição de Hartog, que considera os momentos de tradução nas «Histórias» como meras exibições retóricas de exotismo e competência profissional, a sua utilização para questionar o conhecimento dos Gregos. Mostra que os nomes que os povos bárbaros têm para objectos importantes, matérias-primas, instituições e costumes, podem ser mais correctos que os Gregos (3. 111-112), e exemplifica com os nomes de três reis persas, Dario, Xerxes e Artaxerxes, que em grego tinham, respectivamente, o significado de «guerreiro», «repressor» e «grande repressor» (6. 98), e ainda com a palavra «crocodilo» (2. 69). A utilização de comentários metalinguísticos mostra-o a par das investigações que decorriam à época, e iremos encontrar ecos das suas ideias no *Crátilo* platónico, onde se afirma que a exactidão nos nomes é semelhante para Gregos e bárbaros (383a-b), e Sócrates reforça esta ideia ao acrescentar que ambos os nomes podem estar correctos, da mesma forma que na língua grega duas palavras diferentes podem ter o mesmo significado (389d4-390a2, 394a-c).

Finalmente, o quarto capítulo, «The Meaning of Language Difference», que conclui o estudo e que lhe dá o nome, leva-nos uma vez mais para as relações entre a Grécia e o Egipto ao analisar o episódio das pombas de Dodona (2. 54-57). Da mesma forma que, entre os Citas, a neve era comparada a penas (4. 31), os Pelasgos associavam as sacerdotisas egípcias a pombas negras. Perante a lenda que

rodeava a fundação dos oráculos de Dodona e Siva, Heródoto apresenta uma explicação simples para a sua origem. As mulheres teriam sido transformadas em pombas pelos habitantes locais devido à sua proveniência estrangeira, que a cor negra acentua, e sua linguagem comparada ao chilrear dos pássaros, devido à estranheza dos sons.

Em resumo, a obra de Munson apresenta-se como mais um importante contributo na análise de Heródoto como um autor que compreendeu o relativismo cultural que preside às relações entre os homens, disposto a problematizar a oposição entre gregos e bárbaros e a respeitar os costumes do Outro, mesmo quando chocam com a sua sensibilidade pessoal e cultural (1. 199). Demonstra desta forma que o diálogo civilizacional é dificultado, não pelas barreiras linguísticas, mas sim pela natureza do *nomos* que tudo rege (3.38). Gostaríamos, para finalizar, apenas de realçar a utilização da Autora de dois episódios retirados do livro II para justificar a suas hipóteses, o que, em última análise, é um sinal de que os classicistas estão finalmente a reconhecer que a longa digressão pelo Vale do Nilo é mais do que um texto exótico destinado a entreter e maravilhar os seus leitores. É, pelo contrário, uma ferramenta essencial para a nossa compreensão das «Histórias» no seu todo.

Nídia Catorze Santos

FRED NAIDEN, *Ancient Supplication*, Oxford, New York: Oxford University Press, 2006, 440 pp., ISBN 019518341X.

A obra de Naiden anuncia-se fundamental para a nossa compreensão da súplica, ritual omnipresente por todo o Mundo Antigo. Nela encontramos reunidas todas as fontes disponíveis sobre o tema, no mundo greco-romano, desde Homero à época cristã, e ainda alguns paralelos do universo hebraico e próximo-oriental, estes últimos apresentados nos apêndices finais.

O estudo inicia-se, como não poderia deixar de ser, com Homero. Não, como poderíamos supor, com o apelo de Crises a Agamémnon (1. 12-34), o de Tétis a Zeus (1. 500-507) ou a súplica de Príamo perante Aquiles (24. 477-570), que iniciam e concluem, respectivamente, a *Ilíada*, mas com dois exemplos retirados da *Odisséia*: o de Fémio, o aedo (22. 330-56) que tinha entretido os pretendentes no palácio de Ulisses, e o de Liodes, um dos pretendentes (22. 310-29).